

+academia



**PARABÉNS FINALISTAS**



**FUTURE ON UBI**



**IV FESTA DO SINEIRO**

PATROCINADORES OFICIAIS





Associação Académica  
da Universidade da Beira  
Interior

Com Colaboração:



**UBImedia**  
Núcleo de estudantes de  
Ciências da Comunicação



Paulina Fonseca  
Design & Photography

**Presidente da AAUBI**  
Francisca Castelo Branco

**Diretor Editorial**  
Anabela Carvalho

**Colaborador Editorial**  
Daniela Berrincha

**Designers**  
Paulina Fonseca

**Redação**  
Alexandre Santos  
Cláudia Rodrigues de Sousa  
Cristiana Borges  
Daniela Berrincha  
Daniela Santos  
Gonçalo Almeida  
Joana Isabel  
João Santos  
Lígia Machado  
Mariana Barbosa  
Mariana Saraiva  
Sofia Rustrian Fonseca

**Fotógrafos**  
Catarina Dinis  
Tiago Pinheira  
João Pedro Jesus

# EDITORIAL



Após um mês de abril cheio de emoções, chegamos a uma das alturas decisivas do ano letivo onde a maior parte das atenções esta centrada nas últimas frequências e trabalhos para que, com sucesso, mais um ano seja concluído.

E com maio vem o auge da Primavera! Para muitos será a última enquanto Estudante Universitário e este momento ficará marcado, por certo, pelo dia da Bênção das Pastas. A todos os finalistas a direção da AAUBI deseja as maiores felicidades e sucessos, fazendo votos de que para onde forem desenvolver a vossa atividade profissional sejam o espelho daquilo que é feito na UBI, mostrando a qualidade e valor da nossa Universidade; da nossa Covilhã.

Com o aproximar do final do semestre, algumas dúvidas do foro pedagógico são levantadas e decisões importantes, como o valor das propinas, são tomadas. Nesse sentido, estaremos presentes semanalmente, em diferentes polos, ao longo do mês de maio em conjunto com a Provedoria do Estudante para te esclarecer! Relembrando, também, que podes, sempre que precisares, recorrer a nós. Já no que toca ao valor das propinas, a direção da AAUBI espera que, pelo menos, este não aumente, sendo que se tal acontecesse mais dificuldades traria aos estudantes, levando ao aumento potencial do abandono escolar.

Por fim, saliento as palavras que um sábio pensador referiu, O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo., esperando que os objetivos escolares de todos os estudantes sejam atingidos.

Francisca Castelo-Branco  
Presidente Da AAUBI

# Destques

## Um dia de Bênção das Pastas com esperança no futuro



*O complexo desportivo da Covilhã recebeu, no dia 23 de maio, a Bênção das Pastas dos finalistas da Universidade da Beira Interior.*

*Por: Mariana Barbosa e Joana Isabel Gonçalves*

O sol fez-se sentir durante toda a cerimónia. A acompanhá-lo esteve o clima de nostalgia que existia entre os estudantes que concluíram, nesse dia, mais uma etapa das suas vidas. A comemoração teve início na faculdade de Ciências da Saúde, onde, pelas 10h, os finalistas se encontravam dispostos para iniciar o cortejo até ao complexo desportivo. Organizados por cursos e acompanhados das suas pastas, os estudantes percorreram o caminho até ao Complexo Desportivo, local ao decorrer da missa da Bênção.

Por volta das 11h, iniciou-se a missa. Esta foi dirigida pelo Bispo da Guarda, Senhor D. Manuel da Rocha Felício. No decorrer da mesma, foram chamados a palco vários estudantes, onde declamaram algumas orações. À vez, um representante de cada curso discursou brevemente sobre o momento que estavam a passar, descrevendo o símbolo

que o define. Presentes no recinto estavam centenas de estudantes, tanto da UBI como de outras universidades, assim como familiares e amigos dos finalistas. O sentimento que invadia os pais dos estudantes que neste dia concluíram a licenciatura era de grande orgulho. Dina Pinheiro, mãe de um finalista de Ciências do Desporto, vê o seu filho a comemorar esta etapa como uma “missão de esperança e para o futuro”, tal como “de alegria”. Refere, ainda, que “hoje em dia se luta muito pelos filhos para chegarmos a este ponto”. Para os finalistas, a sensação era de melancolia e de responsabilidade. Sara, finalista do curso de Psicologia, refere que “é um orgulho, acima de tudo um orgulho, mas também uma grande responsabilidade” estar a concluir a licenciatura. Acredita que, sendo ela da área da saúde mental, tem uma responsabilidade acrescida. As dificuldades que sentiu durante estes três anos foram, essencialmente, na “adap-

tação no sentido de pessoas novas e de aulas”, já que a realidade na universidade é diferente daquela ideia que se tem no secundário.

A missa da Bênção teve conclusão às 14h. Depois, finalistas, familiares e amigos seguiram para as comemorações deste dia tão importante. À noite, o jardim do lago recebeu os ubianos numa festa organizada para os estudantes que terminaram agora uma etapa das suas vidas. Dade King, Jey V e Dj Adrian animaram a noite, onde muitos finalistas aproveitaram para festejar o fim de mais um percurso, juntos de amigos e colegas.

# UBI presente na Feira do Emprego



*Em parceria com empresas e entidades regionais, a Câmara Municipal da Covilhã organizou uma Feira do Emprego, no Pavilhão da Anil. A Universidade da Beira Interior marcou presença e divulgou a sua oferta formativa.*

*Por: Daniela Berrincha*

A Feira do Emprego, que decorreu de 7 a 9 de maio, teve como finalidade promover oportunidades de emprego e formação profissional, já que o desemprego é um dos grandes problemas sociais da região.

Como uma das mais importantes instituições do centro, a Universidade da Beira Interior marcou lugar e fez conhecer os 32 cursos, de licenciaturas e mestrados, que tem para oferecer. Segundo Francisca Castelo-Branco, presidente da AAUBI, “tínhamos um projeto a ser desenvolvido, o Future on UBI, que, quando apresentado à Câmara Municipal para conseguirmos uma parceria, nos foi dito que a base do evento em si estaria perfeitamente relacionada com a Feira do Emprego”, esclarece. Durante os três dias do evento, a AAUBI manteve uma equipa presente no local para facultar material informativo e esclarecer eventuais dúvidas sobre as faculdades, núcleos e a vida associativa.

Pelo segundo ano consecutivo, o Centro de Formação da Covilhã foi convidado para participar no evento. António Freitas, coordenador de formação local, apesar de estar satisfeito com o número de inscritos para formações certificadas, considera que “o evento está bem organizado, no entanto, deveriam estar repre-

sentadas mais empresas. Sendo isto uma feira onde as pessoas procuram oportunidades, deveriam mostrar mais escolhas”, afirma.

No decorrer da atividade realizaram-se várias palestras, oficinas e workshop's, de forma a ajudar no incentivo e na procura de emprego. Empresas como a Frulact, Modatex, Turismo Serra da Estrela ou PcMedic, também estiveram presentes na Feira do Emprego. Durante os próximos dias 5 e 6 de junho, o Future on UBI volta a entrar em ação pelas mãos da Associação Académica da Universidade da Beira Interior. O Serra Shopping vai receber durante o fim de semana a universidade, e os seus núcleos prontos para divulgar todos os cursos, e vida académica da UBI.



# Sineiro – Capital da Covilhã



*Mai' um ano, mai'uma festa. O Sineiro abriu portas para que todos os estudantes da Covilhã se pudessem divertir ao som do cabeça de cartaz – os Dealema.*

*Por: Gonçalo Almeida*

No dia 7 de maio realizou-se pela quarta vez a festa do Sineiro, organizada pelos núcleos de Ciências do Desporto, CPRI, Economia, Gestão e Sociologia, na parte de trás da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UBI.

A noite iniciou com a atuação de uma das Tunas Masculinas da Universidade – a Desertuna – que com uns chuviscos à mistura deu lugar ao tão aguardado Virgílio Faleiro. O tempo melhorou e começaram as já habituais coreografias de grupo com a tradicional música pimba que tanto alegra os ubianos. Só faltaram as cervejas ao alto.

Dealema. Foram eles o cabeça de cartaz desta quarta edição da festa do Sineiro e “nem a chuva os parou”, tal como os próprios afirmaram na sua página oficial do Facebook. O concerto avançava e cá mais atrás as barracas não deixavam de libertar mais uns finos, intercalados com um ou outro bagaço com mel que iam aquecendo a noite fria da Covilhã.

Para finalizar a noite entrou em cena um Dj praticamente residente da Covilhã, Ruben Sousa, que entrou em cena mascarado de Ésse SB e “acabou com a festa”. O seu Drum and Bass ou DnB, para os mais entendidos, brindou todos os presentes, com uma atuação de encher o olho.

A tradição promete manter-se no próximo ano com a quinta edição da Festa do Sineiro, aquela que é uma das noites mais aguardadas durante todo o ano pelos estudantes da cidade neve.



# Espaço Academia

## Arquitetura faz mover



*Decorreu entre os dias 4 e 7 de maio, mais uma edição da MOVIMENT.A organizada pelo Núcleo de Arquitetura da Universidade da Beira Interior.*

*Por: Mariana Saraiva*

Esta edição o MOVIMENT.A teve como tema base a Desfragmentação. Desfragmentar a Arquitetura na sua génese. Contou com alguns oradores experientes na área como Mário Benjamim, Lara Seixo Rodrigues, Bruno Gomes D’Almeida, Paulo Tormenta Pinto entre outros, já que a Arquitetura não é apenas paredes, janelas ou portas, mas também pintura, engenharia ou cinema.

Em conversa com o Presidente do Núcleo de Arquitetura (Naubi), Rúben de Matos, contou-nos que este ano o MOVIMENT.A tem como objetivo “fomentar e dar aos alunos a hipótese de aumentarem os seus conhecimentos da área da arquitetura, bem como tomarem contacto com as várias realidades do mundo atual, através do diálogo com ateliês de todo o país ou mesmo com outros oradores

ligados à área”.

Rúben, não considera que haja um dia mais importante do que outro, contudo “este ciclo é realizado a pensar na abordagem de várias temáticas e não de uma só, de modo a cativar um pouco de todos os alunos”, afirma.

Liliana Branco, aluna de Arquitetura, apesar de não ter aderido muito à iniciativa diz que “é importante ouvirmos a experiência de arquitetos diferentes, para não ficarmos limitados somente ao que os professores nos ensinam”, refere. Para Larissa Cardoso, aluna do 3º ano do curso de Arquitetura, “este projeto foi muito importante, pois é uma forma direta de fazer chegar informação aos futuros arquitetos”. Larissa também revelou que “muitos têm vindo a queixar-se da falta de interesse por parte da Universidade

perante o curso, o que é notável perante a falta de materiais necessários.”

Helder Jesus, aluno assíduo desta iniciativa, admite que “enquanto estudantes devemos ter gosto por saber mais e aprender mais. Não basta só com pesquisas ou apenas aquilo que os professores dizem.” Ainda conta que “não sendo a Covilhã uma metrópole onde haja fácil acesso a conferências e seminários, estas iniciativas são importantes para aprendermos”, justifica.

“Deu-me uma melhor visão dos múltiplos caminhos que podem ser percorridos. Percebi também melhor a posição da arquitetura no paradigma nacional e internacional”, conclui Helder Jesus. Os alunos incentivam o Núcleo a permanecer com este tipo de iniciativas.

# UBIQUIMICA promove III Jornadas de Química e Bioquímica



*O auditório das sessões solenes recebeu nos dias 6 e 7 de maio as III Jornadas de Química e Bioquímica, onde o conhecimento desta área foi tema de destaque, bem como a sua própria promoção.*

*Por: Alexandre Santos e João Santos*

A sessão de abertura, dada pelo vice-presidente da AAUBI, pelo vice-reitor João Canavilhas, pelo presidente da Faculdade de Ciências, Professor Doutor António Mendonça, pela presidente do Departamento de Química da Universidade da Beira Interior, Isabel Ismael e, pelo presidente do UBIQUÍMICA, Joel Alves, deram início a uma maratona de palestras.

Patrícia Pereira, aluna de doutoramento em Bioquímica na UBI, iniciou as palestras com a temática em destaque “Pre-miR-29b biopharmaceutical for Alzheimer’s disease therapy: biosynthesis, purification and targeted delivery”, onde a nova geração de terapêuticas para o diagnóstico de Alzheimer foi abordado e deu o mote a variadas palestras.

Posteriormente, deram-se as intervenções de Annabel Fernandes, com o tema “Tratamento eletroquímico de efluentes persistentes” e de Mário Calvete sobre “Tetrapyrrolic Macrocyces: A View to a Kill”. Durante a tarde, foi a vez de Raquel Ferreira subir ao palanque

com “Terapia celular para a recuperação vascular e neurológica em acidente vascular cerebral”, e de Romeu Videira com “O papel dos lípidos na doença de Alzheimer: ferramentas de investigação e estratégias terapêuticas.”. Após o Coffee Break, Irina Moreira e Vítor Gaspar trataram temas relacionados com as interações proteicas e acerca de células tumorais do cancro da mama, respetivamente. Para finalizar o primeiro dia, fez-se a avaliação dos posters a concurso.

Já no segundo e último dia do evento, Sílvia Lima presenteou o auditório com o tema “Aminoácidos a, a-dissubstituídos: da química à bioquímica”. Após esta apresentação, houve oportunidade para uma Mesa Redonda, com vários intervenientes com a temática “Química: da universidade à vida profissional.”. Até à hora de almoço ainda se deram as intervenções de Nuno Cerqueira e Nuno Empadinhas, que referiram temas como “Computational Aided drug design” e “O Microbioma humano e a resistência a antibióticos num planeta de micróbios”.

Durante a tarde, para finalizar as jornadas, seguiram-se as palestras encetadas por Margarida Casal, Paula Gameiro, Paulo Almeida, Emília Sousa e João Vinagre, onde se destacaram vários temas relacionados com a biologia molecular.

As jornadas encerraram após o anúncio dos vencedores para a melhor comunicação em forma de poster. Coube a Josué Leandro de Oliveira receber o prémio.

Rita Sousa, aluna do 3º ano de Bioquímica, referiu, em jeito de balanço que as palestras “foram extremamente interessantes, pois houve uma grande variedade de temas, deu-nos a conhecer o que de bom, em termos de investigação em Química e Bioquímica, há no nosso país e partem dos melhores investigadores nacionais”, afirma.

Pelo sucesso da atividade, os alunos mostram-se recetivos a mais eventos que tenham como finalidade a instrução dos alunos, num ambiente fora das aulas.



# Parada “alumnia-se” com antigos alunos da FAL



*No passado dia 6 de maio a Parada encheu-se de alegria e movimento devido ao evento “Alumniados 2015”. Esta ideia surgiu da iniciativa da Professora Doutora Gisela Gonçalves em conjunto com os alunos de ateliê de Publicidade e Relações Públicas do 3º ano de Ciências da Comunicação.*

*Por: Lígia Machado*

O objetivo deste evento baseava-se em reunir antigos alunos da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, de forma a que eles dessem a conhecer os caminhos e projetos por onde enveredaram. A conversa entre convidados e espetadores foi informal, sendo que os convidados estavam sentados em sofás e de uma forma mais descontraída.

O painel da manhã contou com o tema “Mudar a trouxa e zarpar”, onde convidados como João Morgado, escritor e membro da Câmara Municipal de Belmonte, Inês Pinto Leite, cantora e assistente de produção, Tiago Guterres, membro da área de informação técnica do CCCC, e por fim, Marisa Cardoso, fotógrafa, puderam partilhar as suas experiências profissionais após abandonarem a Universidade.

Inês Duvale, designer de moda, abriu o primeiro painel da tarde: “Cabeças no Ar”. Vencedora de alguns prémios no ramo, como o Acrobatic e o Fashion Clash da Moda Lisboa, Inês falou acerca dos seus projetos e das suas coleções, descrevendo também o seu percurso na

UBI. Realçou que “quando estamos na Covilhã não temos noção, mas saímos daqui bem preparados, foi a universidade que me deu todas as ferramentas para o que faço atualmente.” De seguida, Sara Petrucci, responsável de Comunicação na empresa MyKubo, explicou no que consiste o seu trabalho e incentivou os jovens a serem empreendedores e a arranjam parceiros que os apoiem com as suas ideias. Para encerrar o primeiro painel da tarde, Cristóvão Matos, designer gráfico na empresa “Graphix”, que em outros tempos se dedicou apenas à música e à pintura, hoje concilia o seu emprego com essas atividades.

Para iniciar o segundo painel da tarde “Comunicação XL”, Rita Torres, gestora de projetos em social media na empresa ELife, abordou temas como o Marketing Digital e a Gestão de Projetos web. Posteriormente, Noel Vieira, licenciado em Ciências da Comunicação e mestre em Ciência Política pela UBI, está atualmente a trabalhar no ramo imobiliário e apresentou vários projetos da sua autoria como o “Polis Apoteose”. Noel Vieira terminou o seu discurso com a intervenção de que “não precisamos de muito

para viver, mas para fazermos aquilo que mais gostamos”, afirma. Seguiu-se Carina Ramos, membro da assessoria de imprensa da Câmara Municipal do Fundão, que sugere aos jovens que ganhem experiência através de estágios, durante o curso, para perceberem aquilo que realmente querem fazer no futuro. Por fim, Jorge Esteves, jornalista da RTP1 na Guarda, decidiu manter-se ligado à sua terra e não ir para os grandes centros, referindo ainda que quando se reformar quer fazer um programa na Rádio Clube da Covilhã, a primeira rádio com que teve contacto.

O evento terminou com a atuação musical de Inês Pinto Leite e da Fanfarrinha F.R.C., seguindo-se o DJ Shake Symptom no átrio da Parada. Pedro Afflalo, um dos organizadores do “Alumniados 2015”, faz um balanço muito positivo do evento considerando que cada vez mais as universidades têm uma maior preocupação em criar um elo de ligação com antigos alunos.

# UBI recebe IX Colóquio de Optometria



FACULDADE CIÊNCIAS DA SAÚDE – UBI | 9 E 10 DE MAIO

## IX COLÓQUIO DE OPTOMETRIA

O PAPEL DO OPTOMETRISTA NA PREVENÇÃO DO RISCO NA SAÚDE PÚBLICA



*Debater o papel do optometrista na saúde pública, foi este o objetivo do IX colóquio de Optometria realizado pelo Núcleo de estudantes do curso da Universidade da Beira Interior.*

*Por: Daniela Ferreira Santos*

O evento decorreu entre os dias 8 e 10 de Maio, inicialmente com conferências de contactologia no Pólo principal da universidade e, no sábado e domingo, no Grande auditório da Faculdade de Ciências da Saúde.

De ano para ano, são debatidos diferentes temas ligados às ciências da visão. Entre teoria e workshops práticos, esta edição contou com a participação de diferentes convidados que já têm um papel ativo no mercado de trabalho.

Para Marco Afonso, aluno de terceiro ano de Optometria, é importante receber profissionais da área na Universidade da Beira Interior para mostrar o mundo do trabalho aos alunos: “Acho fundamental a realização destes colóquios porque os palestrantes estão já inseridos no mercado de trabalho e podem dar o seu parecer e experiência. Os alunos ganham não só no ponto de vista académico mas também na formação em questões ligadas ao nosso curso”, diz.

O colóquio possibilitou aos alunos o debate acerca de temas como patologias oculares, sinais clínicos e, ainda, a influência de parâmetros visuais na qualidade de vida de um paciente diabético. Apesar de se fazer notar uma menor adesão do terceiro ano do curso houve uma maior de alunos de mestrado. Carla Coelho, um dos elementos do núcleo de Optometria, diz que “a iniciativa serviu para enriquecer a formação dos alunos”, e acrescenta ainda que “esta edição em especial acabou por enriquecer, de uma certa forma, o conhecimento deles e possibilitar o contato com profissionais da área e mesmo médicos oftalmologistas”, afirma Carla.

Este ano, o número de inscritos foi semelhante ao de anos anteriores.

# O impacto de uma universidade no interior do país



*A importância da UBI, a fixação dos alunos, o futuro da universidade e a atração de estrangeiros, foram as temáticas subordinadas à tertúlia “Conversas de Comunidade”, que decorreu a 13 de maio, no Pólo das Matemáticas na UBI.*

Após a primeira edição do “Conversas de Comunidade” subordinado ao tema “A importância da política para os jovens”, a Associação Académica da Universidade da Beira Interior promoveu a segunda edição. A importância da UBI para a cidade e região, foi o assunto central desta edição do Conversas de Comunidade. Diversos órgãos sociais da região marcaram presença para debaterem questões relacionadas com projetos-pilotos, impulso no crescimento local por parte da universidade, inovação e fixação de estudantes oriundos de outras regiões.

Ricardo Morais, docente da academia, foi o moderador da sessão que se dividiu

em três painéis. A aposta por parte da organização, na escolha dos convidados, permitiu à comunidade estudantil e local presenciar uma diversidade de opiniões e perspetivas face ao contributo de cada instituição e ao impacto que o estabelecimento de ensino causa.

Eduardo Cavaco, dirigente da Banda da Covilhã, falou sobre a importância de criação de empregos, de incentivar o empreendedorismo, de melhorar a cidade e aproveitar o potencial de que esta dispõe. Os cursos de “Ciências Biomédicas e Ciências da Cultura poderão vir a desenvolver a cidade”, afirma.

*Por: Cláudia Rodrigues de Sousa*

Hélio Fazendeiro declara que, sem universidade a degradação do património humanístico seria muito maior, já que o património industrial se tem mantido pelo facto de as faculdades estarem sediadas nos antigos locais fabris.

Apesar das distintas abordagens ao longo da sessão, a melhoria da cidade através do aproveitamento do seu potencial é uma alínea que está, claramente, em concordância.

# Núcleo de Comunicação atribui prêmios em Fotografia

“Paisagens Serranas” e “Um olhar, um animal” foram os temas a concurso.

Por: *Cristiana Borges*

O UBIMedia, núcleo de Ciências da Comunicação, decidiu lançar um concurso de Fotografia. Aproximar a comunidade Ubiana da associação de estudantes e dinamizar a Faculdade de Artes e Letras foi o principal objetivo desta primeira edição.

Uma ligação evidente da fotografia à categoria em que se participava, originalidade e bom enquadramento fotográfico, foram os critérios utilizados pelo júri, composto por Flávio Hobo, professor de fotografia na UBI, Pedro Lopes, fotógrafo profissional e dois elementos do UBIMedia, Ana de Melo Matos, presidente da direção e Cláudia Rodrigues de Sousa, coordenadora do departamento de comunicação, na hora de avaliar as fotografias.

Na categoria “Paisagens Serranas”, Fábio Giacomelli, mestrando em Jornalismo, foi o vencedor, com uma fotografia onde a neve se destaca. Já na categoria “Um olhar, um animal”, a vencedora foi Rita Gomes, aluna de licenciatura em Ciências da Comunicação. Concorreu pelo gosto que tem pela fotografia desde que se lembra, e foi com uma imagem que mostra a cumplicidade entre o seu cão Serra da Estrela e um Dálmata de um vizinho.

Quanto aos prêmios, Ana de Melo Matos, presidente no UBIMedia, revela que “o primeiro classificado receberá a sua fotografia impressa e emoldurada e ainda a oportunidade de a expor no departamento de Comunicação e Artes da UBI, na terceira semana de Setembro”.

Uma vez que foram recebidas mais inscrições do que as esperadas no próximo semestre, a juntar a um concurso de escrita criativa, O UBIMedia organiza a segunda edição do concurso de fotografia.



CATEGORIA A: 1.º Prémio. Fotografia de Fábio Giacomelli



CATEGORIA A: 2.º Prémio. Fotografia de Paula Carvalho



CATEGORIA B: 1.º Prémio. Fotografia de Rita Gomes



CATEGORIA B - 2.º Prémio. Fotografia de Olivia Santos

## III Sessão de Fados

No passado dia 11 de maio do núcleo de estudantes de Medicina, Medubi, promoveu a III sessão de fados na Faculdade de Ciências da Saúde. O evento foi um sucesso, contando com uma vasta assistência. O momento foi emotivo e cheio de artistas e fadistas.



Brevemente

Future  
ONUBI

05 e 06 de Junho  
Serra Shopping

(Conta com a presença dos Núcleos da AAUBI)

Com sessões temáticas e workshops

O teu futuro é na UBI!

AAUBI



# Espaço Desporto

## UBI CUP

Maio 2015

Organização:



*“A Associação Académica da Universidade da Beira Interior declara que esta iniciativa será organizada nos próximos anos, com a ambição de haver uma melhora de ano para ano tanto a nível de participantes como na quantidade dos alimentos angariados para a Capelania da UBI.”*

*Por: Sofia Rustrian*

Em parceria com os Serviços Académicos da Universidade da Beira Interior (SASUBI) e o núcleo de estudantes de Ciências do Desporto (DESPUBI), a AAUBI organizou, ao longo do mês de Maio, um campeonato entre os estudantes de forma a ajudar os alunos carenciados da nossa academia. Este evento solidário, UBI Cup, era constituído por cinco categorias: Basquetebol, Futsal, Voleibol, Ténis de Mesa e Xadrez. Nas modalidades em grupo (Basquetebol, Futsal e Voleibol), cada equipa, constituída por elementos do mesmo curso, teria de entregar 25 euros na época de inscrição. Contudo, nas categorias individuais (Ténis de Mesa e Xadrez), cada participante teria de doar três quilogramas ou litros de bens alimentares. O UBI CUP contou com a colaboração dos cursos de Engenharia Eletromecânica, Ciências do Desporto, Optometria, CPRI, Medicina, Engenharia Informática, Engenharia Aeronáutica, Ciências Biomédicas e dos visitantes da UBI, os alunos de Erasmus. No basquetebol foram os alunos de Eletromecânica os grandes vencedores, já no voleibol e no futsal foi a vez de Desporto obter o

primeiro lugar do campeonato intercurros. No ténis de mesa foi Fábio Pinto, aluno de Optometria, que conquistou o primeiro lugar e, no xadrez, foi Ricardo Martins, aluno de Engenharia Eletromecânica, o grande vencedor. Davide Teixeira, coordenador da Secção Desportiva da AAUBI, declara que a “ideia surgiu em conjunto com os SASUBI como uma forma de dar continuidade à prática desportiva nos pavilhões da UBI, uma vez que, em maioria, o desporto universitário acaba no final de Abril. Foi uma forma também de dar oportunidade aqueles que não fazem parte do desporto universitário de participarem em competições e modalidades que lhes agradam”. Explica também que o torneio intercurros, UBI CUP, tinha como principal objetivo tanto a promoção da atividade física como apelar ao lado solidário dos ubianos.

Já Francisco Mendonça, presidente do Núcleo de Ciências do Desporto, afirma que o DESPUBI irá continuar a apoiar este tipo de iniciativas visto que tem cariz social. Confessa que “faz falta a todos ajudar um pouco e dar um pouco de

nós próprios aos outros. Eu próprio faço voluntariado e acho que só me enriquece como pessoa e como ser humano”, afirma.

O feedback, por parte dos estudantes, no geral foi bastante positivo contudo a maioria dos ubianos revela que a AAUBI deveria arranjar novos métodos de persuasão de forma a atrair os estudantes dos restantes cursos, sendo que falta de adesão por parte dos mesmos constitui um ponto fraco do evento. David Domingues, aluno de Ciências do Desporto, revela que em termos de organização “faltou conseguirem avisar as pessoas mais cedo quanto às datas de início de algumas das modalidades”, contudo evidencia que esta iniciativa “foi bem estruturada, e que os organizadores sempre fizeram de tudo para que as coisas comessem a tempo e que não faltasse nada aos participantes. Eventos como estes são sempre bons porque privilegiam o contacto com outros cursos, o que se calhar devia acontecer mais vezes ao longo do ano e mostram que a nossa universidade não está cá só para “alojar” os estudantes”. João Dias

e Diogo Nunes, também alunos de Ciências do Desporto, mostraram-se bastante agradados com esta iniciativa, o primeiro confessa que “foi uma ideia muito inovadora, mas que ficou um pouco aquém das expectativas. Com isto quero dizer que deviam ter alargado a formação das equipas, não limitando apenas a formação das equipas por atletas do mesmo curso. Penso que com esta pequena alteração a iniciativa tinha tido mais adesão por parte dos alunos. Mas de uma forma geral penso que teve uma boa organização”. Já Diogo declara que “a realização da UBI CUP foi uma ótima maneira de juntar os alunos dos vários cursos e incentivar todos a praticarem desporto, não só pela vertente de competição entre os núcleos, mas também porque é importante a prática de atividade física.” Joana Silva, aluna de Ciência Política e Relações Internacionais, revela que “a organização está de parabéns, é de louvar o facto de aliarem este evento ao poderem alimen-

tar pessoas que carecem de alimentos considerados básicos”.

A nível da realização da segunda edição desta iniciativa solidária as opiniões são bastantes positivas. João Dias diz “É uma boa forma de aliar o desporto às causas solidárias, em que ambos os casos saem a ganhar!”, já Joana Silva apela à realização de outra edição do UBI Cup realçando que “é de extrema importância a realização deste tipo de iniciativas, não só do ponto de vista de orgulho no que diz respeito à representação do respetivo curso, mas como também pelo facto de ser uma iniciativa desportiva que é uma mais-valia para qualquer pessoa pelo seu caráter solidário”. Pedro Reis, aluno de Ciências do Desporto e colaborador neste campeonato confessa que “este torneio deve continuar a ser realizado porque para além de ser um evento de solidariedade é um evento que agrada e atrai parte da

população estudante, juntando assim o útil ao agradável, contudo, como crítica construtiva, deveria ser incluído outro género de desportos, como por exemplo andebol, natação futebol, entre outros”, todavia Diogo Nunes confessa que espera ver a realização de uma outra edição visto que “é sempre bom fazer algo que gostamos e ao mesmo tempo estarmos a contribuir para o bem-estar de pessoas que precisam da nossa ajuda”. Por fim, Romeu Conceição, aluno de Engenharia Informática comenta que “Espero voltar a ver eventos como este, isto é, com o objetivo de ajudar o próximo”.

Em suma, os alunos mostraram-se bastante agradados com a realização deste campeonato intercurso, contudo apelam a uma melhor divulgação do mesmo, de forma a persuadir os ubianos a ajudar em causas nobres como esta.



# Desporto universitário

## Natação trouxe três medalhas para a Covilhã

A equipa de Natação da Associação Académica da Universidade da Beira Interior a competir nos Campeonatos Nacionais Universitários da modalidade na Póvoa de Varzim conquistou três medalhas. Rosa Oliveira alcançou o primeiro lugar nos 100m livres e o terceiro nos 50m livres. Henrique Neiva, um atleta que já nos tem habituado a medalhas, arrecadou a terceira posição nos 50m braços.



## AAUBI conquista a Prata

A AAUBI por intermédio de Tiago Mota alcançou a segunda posição no Campeonato Nacional Universitário de Setas.



## Segundo lugar coletivo e três medalhas

A formação de Kickboxing nos Campeonatos Nacionais Universitários de Kickboxing Lowkick conquistou três medalhas por intermédio de Rui Gondar, com o terceiro lugar nos -81 Kg Masculinos, Claidir Rendall e Fernando Oliveira, com a medalha de ouro, nos -91 Kg Masculinos e nos +91 Kg Masculinos, respetivamente. Esta conjugação de resultados permitiu à equipa de Kickboxing alcançar o segundo lugar coletivo.



## Futebol de 7 feminino à beira do pódio

Os Campeonatos Nacionais Universitários de Futebol de sete decorreram nos dias 25 e 26 de Abril na cidade da Covilhã. A competição organizada pela AAUBI contou com um excelente desempenho da formação feminina que chegou com alguma facilidade às meias-finais. No encontro que dava acesso à final a nossa formação perdeu frente ao IPP por 2-0. No encontro do terceiro e quarto lugar, as nossas atletas perderam pela margem mínima (1-0) frente às vizinhas do IP Guarda.

Já a formação masculina, lutava na defesa do título nacional conquistado no ano passado, mas a jogar em casa e fruto de algum azar, não conseguiu transpor a fase de grupos, depois da acumulação de uma derrota e um empate.



## AAUBI repete bronze no Basquetebol 3x3

A jogar em casa a equipa da AAUBI de Basquetebol 3x3 Masculino voltou a conquistar a terceira posição depois de derrotar a Universidade do Porto por 14-12. A AAUBI fez-se representar por mais equipas que não passaram da fase de grupos.



## João Martins conquistou o bronze

Nos Campeonatos Nacionais Universitários de Ténis Individual Masculino, que decorreram em Évora, o tenista João Martins arrecadou o terceiro lugar.



## Pedro Vilas trouxe o Ouro

O atleta de Taekwondo, Pedro Vilas, conquistou a medalha de Ouro nos Campeonatos Nacionais Universitários da modalidade organizados pela AAUTAD.



## AAUBI campeã no CNU de Bilhar

Nuno Correia, atleta de Bilhar da Associação Académica da Universidade da Beira Interior conquistou a medalha de Ouro nos Campeonatos Nacionais Universitários da modalidade.



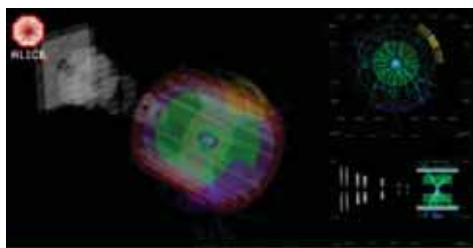
Por: José Carlos Costa



# Espaço Ciência e Tecnologia

## Porquê a corrida às altas energias?

A questão surge dias depois do maior acelerador de partículas LHC ter atingido com sucesso colisões de partículas a 13TeV, 13 trilhões de elétron-volt. O feito foi alcançado na noite de 20 para 21 de Maio, e já é possível observar imagens das colisões. É a relatividade restrita (a mítica  $E=mc^2$ ) que explica o LHC, quando a colisão das partículas transforma a sua massa em energia.



Esquematização da Colisão Obtida

Em 1933, realizava-se o Congresso de Solvay. Iria surgir deste congresso, que tinha como ordem do dia o tema: “Desintegração dos elementos mediante protões acelerados”, um novo e fascinante ramo da Física, hoje denominado, Física de Altas Energias.

A primeira desintegração artificial por meio de partículas aceleradas deve-se a Cockcroft e Walton. Juntos desenvolveram uma técnica capaz de acelerar protões num campo electrostático de várias centenas de quilovolts. O processo consistia em desintegrar um núcleo de lítio em duas partículas alfa.

Participaram no referido congresso investigadores que, naquela geração, contribuíram para alavancar a Física ao patamar onde hoje se encontra. Entre eles constava Rutherford, o pai da física nuclear.

Têm vindo a ser desenvolvidos progressos verdadeiramente consideráveis na Física graças ao auxílio destas máquinas. Com os aceleradores de partículas cada vez mais potentes e engenhosos, foi pos-

sível aos Físicos ultrapassar as reações nucleares. Esta aventura ainda hoje se desenrola, empenhando-se grandes meios técnicos e quantias consideráveis de dinheiro, que contribuem para a construção de aceleradores de partículas cada vez mais poderosos.



Esquematização da Colisão Obtida

Respondendo à pergunta que dá o título a este artigo e que provavelmente alguns de vocês já fizeram e não obtiveram resposta, ou seja, porquê esta corrida para as altas energias? A que se devem estas gigantescas construções, estas toneladas de aço e betão? Porquê a mobilização de tantos ofícios, técnicas vanguardistas e biliões gastos?

A resposta prende-se com a necessidade de saber se Paul Dirac tinha de facto razão, quando em 1931 escreveu uma nota dizendo:

“Provavelmente, os protões terão estados próprios de energia negativa, todos normalmente ocupados, aparecendo o estado não ocupado como antiprotão.”

Surgia deste modo a mais cara substância do mundo, mais valiosa que ouro ou diamante, de nome antimatéria.



Por: David Proença; Diogo Carrilho; Fábio Brito  
Engenharia Eletromecânica

# Espaço Saúde

## Olho (clínico) sobre todas as coisas

Dói-lhe a cabeça? Tome um comprimido. Dói-lhe a barriga? Tome um comprimido. Tem azia? Tome um comprimido. Anda triste? Também há comprimidos para isso.

Pois é. Há quem acredite na existência de uma farmácia celestial com comprimidos-milagrosos-para-tudo. Desde o mais piquinhas ao mais robusto e vigoroso ser humano, tem-se assistido a um crescente consumo de substâncias farmacológicas para os mais diversos efeitos, a fim de se colmatar o medo de finitude inerente à condição humana. Tomamos comprimidos ansiando um maior bem estar, encharcamos-nos em substâncias que prometem o alívio disto, daquilo, ou de qualquer outra coisa. Quando já temos a pílula mágica na mão, engolimos num trago o sonho de esperança traduzido em princípios ativos e excipientes. Depois, abrimos a sagrada bula para perceber os possíveis efeitos, não tão bons quanto isso, que poderão surgir. As incertezas dos nomes estranhos e metabolizações complexas desfazem-se com o Dr. Google e a mui nobre e sapiente Wikipédia, que se responsabilizam por nós deixar mais descansados, ou não. Bem vistas as coisas, neste ciclo de ações e reações que tantas vezes se repete, perdemos uma ou duas horas, tempo esse que retira do foco o problema principal, por distrações variadas de casualidades e casualidades, e, com sorte, o problema inicial fica resolvido.

E o anteriormente descrito passa-se muitas e muitas vezes. Falta-nos a capacidade de voltar as coisas simples, aquilo que, como Einstein dizia, é capaz de trazer nova luz à nossa perplexidade. Submeter a nossa vida a bons hábitos, é meio caminho andando para uma boa saúde. O outro meio caminho para andar consegue-se, literalmente, com os

pés, ou dando corda aos sapatos, que deviam ficar tão velhos de uso por corridas e maratonas frequentes. Não a maratona dos dias. Os stress alheio, e nosso também, que se serve ao desbarato logo ao pequeno almoço, que nos chega pela televisão, pela caixa de entrada de e-mail, pela azáfama diária, pela infundável to do list.

Não sejamos vítimas da nossa própria rotina, nem da falta de cuidado para com a nossa saúde. Mente sã em corpo são duas faces de uma moeda só que se complementam numa harmonia perfeita.

E o olho clínico sobre as coisas o que vê?

Vê um mundo onde o recuso ao que é natural é sempre prioridade. É um olho clínico porque cuida de nós ao preservar a visão para o lado bom da vida.

Dói-lhe a cabeça? Beba um café, ou vá descansar. Dói-lhe a barriga e tem azia? Prefira uma alimentação saudável e equilibrada. Anda triste? Passeie, mime-se, corra ou faça caminhadas, sinta prazer na sua vida, sozinho e com os que o rodeiam.

Com isto, espero que o olho clínico sejam os nossos próprios olhos, a cada dia, e que vejam sempre um bom motivo para ser feliz ao virar da esquina.

Por: Jeniffer Jesus

# Espaço Cultura

## O Conto da Princesa Kaguya

“Kaguya” significa em bom japonês “Luz” ou “Luz resplandecente”. Kaguya é, também, a personagem principal de uma narrativa que constitui o folclore japonês, datada do século X, chamada “O Conto do cortador de bambu”, o qual, segundo dizem, sobrevive à passagem do tempo, sendo dos únicos contos da altura, se não o último, a existir e a garantir a não extinção de lendas e histórias que remontam à cultura popular japonesa. Mas não são lições sobre histórias do oriente que me trazem aqui, por isso, vou (tentar ir) direta ao assunto. A verdade é que o Studio Ghibli, fundado pelo notável Hayao Miyazaki e por Isao Takahata, já nos deixou habituados a longas-metragens de animação extraordinárias e esta não é exceção.

A adaptação escrita foi redigida por Isao Takahata, já referido anteriormente, mestre do cinema de animação, que assinou séries televisivas de desenhos animados como Heidi e Marco que chegaram, também, um pouco a todo o mundo, inclusive ao ocidente, e por longas-metragens como o Túmulo dos Pirlampos. Durante oito anos, foi o japonês, já quase com 80 anos, que realizou o filme, que conta a história da vida da princesa Kaguya, uma menina encontrada por um velho cortador de bambu, por entre um pau, também, tão verde mas mais luminoso do que o bambu costuma ser. Após o encontro da minúscula criatura com aquele que se tornaria o seu pai adotivo, os dois dirigem-se para a casa que o pobre velho partilhara com a sua, também com muita idade, mulher.

Mas voltando atrás, sim caros leitores, oitos anos foi o tempo necessário para todo o processo que acarreta as mais tradicionais técnicas de confeção. Ao invés dos habituais computadores que imperam numa era digital e que se estendem ao mundo do cinema, as mãos de vários desenhadores e artistas foram

o precioso requisito que Takahata teve do seu lado para a criação da sua mais aguardada obra-prima.

O filme é, de facto, um primor visual do seu género, o traço a carvão preenchido por cores tão belas e leves quanto só se pode ser quando se utiliza aquarelas e pastel, confere aos 137 minutos uma aura mágica e imaculada auxiliada pelas tonalidades esbranquiçadas, que vão sendo pinceladas para além da paleta de cores com que somos brindados, e que nos remetem para um je ne se quoi de especial. Este design subtil mas extasiante, deixa o nosso olhar rendido e passível de conferir toda a atenção à forma visual como nos é apresentado todo o trama. Mas, não só o sentido visual é acarinhado e estimulado nesta inaudita obra cinematográfica, também a audição é regalada por uma banda sonora incrível composta pelo já parceiro de longa data do Studio Ghibli, Joe Hisaishi, que alinhando as teclas do piano a violinos, a metalofones e a uma bem composta orquestra de músicos que tocam outros tantos instrumentos excepcionais, dedica à mais doce das histórias, uma experiência sensorial fora do comum.

Mas desengane-se o leitor que ao ler “doce” se remeta ao significado mais simples e compreensível da palavra. A verdade é que nesta obra terá de imperar o refletir necessário perante significados, simbolismos e metáforas, que apesar de transmitidos por vários veículos cândidos, carregam cogitações mais complexas sobre o sentido da vida, o valor da felicidade (a nossa e a dos que nos rodeiam), o peso do que é material (opondo-se de forma clara ao que não o é), o drama atingido pela nostalgia do passado e por tudo aquilo que é maior do que nós, e que dessa forma nos conduz ou condiciona, e por pontuadas questões, que se impõe, e que albergam o contraste entre o campo e a cidade, entre a juven-

tude e a velhice, o existir de memórias, que propiciam o modo de estar no presente e o olhar no futuro e a sua hipotese de extinção, a inevitável meditação acerca do que é a riqueza e da sua vulgar ligação aos bens e não às pessoas, a liberdade humana e a sua exiguidade e o acolher das ações como antecipação de irremissíveis consequências.

Com uma sensibilidade delicadíssima, este filme estreado no ano passado (2014) nos Estados Unidos da América mas a aguardar pela sua exibição nas salas portuguesas, nomeado para melhor filme de animação e transmitido no festival de Cannes, criou uma identidade muito própria ao dar foco à, também, criação de atmosferas enubladas que fomentam críticas mais ou menos discretas ao tradicionalismo japonês e às relações entre as pessoas.

O que levamos dos outros? O que levamos os outros de nós? Tal como a vida de Kaguya, uma jovem alegre de espírito livre, tudo é um surto, uma lufada mais ou menos prolongada do que teve, indubitavelmente, um início e um fim, ditado pelos nossos atos, pelos dos outros, ou pela vida, apenas. Aqui, saliento em jeito de spoiler, um ponto que achei particularmente destacável: a origem e o fim da protagonista acontecem no mesmo lugar e são, assim, a Lua. Com esta ideia, começo a deambular por pensamentos escorridos acerca das formas cíclicas que desenham a vida e especulo sobre o nosso destino, que em nada, por vezes, parece diferente do das estações que tão bem se repetiram no filme, realçadas pelas cerejeiras em flor quando o sol brilhava e pela água que também fazia cumprida a rota cíclica nas suas viagens.



Por: Francisca Figueiredo

# Mutações

“Kaguya” significa em bom japonês Dedico este texto a todos os que acham que três anos a estudar numa faculdade é pouco tempo. Dedico-o àqueles que durante três anos deseperaram e ebuliram com situações absurdas e injustas, típicas de um ensino quiçá superior. Vou dedicar este texto, sobretudo, àqueles que tinham o sonho e saíram com ele despedaçado. Em Setembro de 2012 suspirei de alívio por ter deixado para trás um ensino que sempre mostrou estar mal elaborado, que sempre deixou transparecer os podres e sempre se demonstrou predisposto a escondê-los como lixo debaixo do tapete. Foram longos e infundáveis anos de espera por aquilo que sempre achei que seria amor à primeira vista: os anos de faculdade. Pensei que finalmente tinha chegado a hora de entrar num sistema a sério, onde não haveria espaço para a passividade, mas acabo por sair de coração partido por ver tanta ou mais mediocridade que antes. Livro-me de estar a acusar esta ou aquela universidade, isto tornou-se, aliás, numa dúvida existencial: saber se aquilo que se passa com o ensino “superior” é ou não geral. Acabei por chegar à conclusão que a epidemia propagou-se por todo o lado. Se este texto contasse para nota, poderia aqui fazer uma lista de compras que enumerasse tudo aquilo que visivelmente está a ser mal feito e o vinte já era garantido ou talvez não, poderia ter só o 18 e os outros dois valores ser-me-iam dados caso eu respondesse fundamentalmente a uma questão de opinião, previamente dada na aula. Assim se formam bons profissionais, com a papinha feita, com métodos de avaliação do mais simplificado e básico que pode haver, com facilidades absurdas, sem exigência ou rigor, sem fomentar o espírito crítico ou criativo, dando atenção a quem não vive de espírito, mas existe pelas notas e pelas médias. Não sei se as esperanças e expectativas que tinha eram demasiado altas ou se a visão que criei foi excessivamente romântica, mas uma coisa é certa, sempre senti que estava num secundário 2.0, onde o maior orgulho é conseguir copiar durante um teste ou ter uma nota mais alta que x ou y. Pode-se ter um ensino verdadeiramente superior se as pessoas que entram escolhem a dedo as cadeiras que querem fazer consoante a facilidade de copiar? Até que

ponto se pode acreditar no valor de uma licenciatura? Parece que hoje as coisas não são feitas até ao fim, reina uma superficialidade do ser e do estar, uma excessiva democratização das coisas que parece não compactuar com a natureza marasmática do Homem.

Há algum tempo saiu uma notícia em que a chanceler alemã, Angela Merkel, acusava Portugal de ter demasiados licenciados e a reação do povo português não foi a mais satisfatória. No entanto, se há coisa que não percebi foi essa reação, já que hoje nós não temos qualquer método de seleção de quem entra no ensino “superior”, tanto que tudo o quem vem à rede é peixe. É preciso lutar contra estes padrões de ensino fracos e pouco ou nada competentes. É imperativo que se reformule oportunidades de entrada. É urgente que se crie um sistema mais justo e mais emancipador das capacidades criativas e cognitivas dos alunos e professores. É necessário acabar com a desilusão do que dizem ser um ensino superior e permitir que haja mutações profundas no modo como as coisas estão a ser feitas há já alguns anos. Mas, mais importante que tudo, é nunca esquecer que a palavra mutações só se pode usar no ramo da genética.



Por: Inês André

# Armar a Tenda



O verão já chegou. Com ele trouxe os já bem habituais festivais de música (e daquilo que se ouve no Sudoeste). Nesta última edição da crónica, antes da pausa para férias, serei o vosso cicerone pelos cartazes mais a meu gosto. Embora a minha opinião seja que, de maneira geral, isto o ano passado foi muito mais giro, consigo extrair algum sumo de festivais que vão do Minho a Lisboa.

Começando por Junho, se a minha carteira ajudasse, no próximo fim-de-semana voltava a repetir a experiência de ir ao Primavera Sound. O parente pobre de Barcelona, tem este ano no Porto, um cartaz mais fraco que o do ano anterior, mas ainda assim com nomes de encher o olho. Facilmente saltam à vista os Interpol. Com um dos melhores álbuns do ano passado, voltava a repetir um concerto deles (sem qualquer esforço) com um público à altura. Mac DeMarco também passará por lá, certamente para mais um grande concerto. Patti Smith trará, tal como em Barcelona, o seu álbum de 1975, “Horses”, num alinhamento com tudo para ser mítico. Se a isto juntarmos o prazer de ver Manel Cruz novamente ao, vivo, motivos não faltam para ir ao Porto esta semana.

Lá mais para o final do mês (19 e 20), no nordeste transmontano, temos um festival, com Rock e com o nome da região. No Parque do Corgo, os festivaleiros poderão contar com um festival gratuito e com nomes como os barcelenses, Black Bombaim, os Peixe : Avião e

Moulinex (em Live Act e em DJ Set). No próximo mês temos os habituais Alive e Super Bock. No primeiro (este ano com um cartaz muito fraco a nível geral), conseguem-se-lhe elogiar alguns nomes. Dois anos depois, nomes maiores do Indie regressam para apresentar novos álbuns: Alt-J e Django Django são por isso dois nomes em destaque. Os Future Islands são também uma das bandas mais aguardadas, e na bagagem trazem “Singles”, um dos álbuns do ano anterior. O ramalhete do passeio marítimo de Algés não fica completo sem destacar o regresso a Portugal dos Mogwai. Os escoceses são um dos nomes maiores do Post Rock e deles se espera um dos concertos do festival.

Uma semana depois (e em ano de troca do Meco para o Parque das Nações), o Super Bock Super Rock traz o cartaz lisboeta mais interessante do ano. Os neozelandeses Unknown Mortal Orchestra, os britânicos The Vaccines e o projeto Toro Y Moi trazem na bagagem novos álbuns para gáudio dos fãs portugueses. Espera-se também que seja desta o regresso de Florence a Portugal com álbum lançado esta semana. Quem também regressa a Portugal são os míticos Blur, com um álbum novo que me encheu as medidas. Houvesse dinheiro para os ver.

Regressando ao interior, a Mêda (na Guarda), o festival local, também ele gratuito, traz este ano um cartel onde conta com nomes como Diabo na Cruz (a apresentar o seu último álbum) e a du-

pla D’Alva. Neste festival que já é uma referência no interior, os festivaleiros poderão ainda contar com a estreia de um segundo palco.

Mês de Agosto é mês de Bons Sons, que agora parece querer ser anual. Na aldeia de Cem Soldos, em Tomar, os festivaleiros que quiserem ir viver a aldeia, poderão contar com as guitarras a solo de Tó Trips ou Peixe. A menina bonita da eletrónica portuguesa (Sequin) também andará por lá, bem como o vocalista dos The Glockenwise a solo (Duquesa). Os putos de Leiria (Long Way to Alasca) levarão o Post Rock à aldeia e Camané leva o Fado.

Esta crónica nem terminava bem se não fosse com Paredes de Coura. Perto do rio Tabuão, conta-se este ano com o melhor cartaz em terras lusitanas (prendam-me pela heresia). TV on the Radio (belo novo álbum), Tame Impala (“Currents” será o álbum do ano), Temples (onde merecem estar), Fuzz (a “sujar” aquilo tudo), ou Charles Bradley (a espalhar classe) são motivos mais que suficientes para ir a um festival que é muito mais que um habitat natural – é vida.

Imparcialidade é coisa que não podiam esperar desta crónica. Por isso, se também não são imparciais como eu, espero ver-vos em breve num qualquer festival de verão. Ou então só em Paredes de Coura.

**ASSISTIR COM ATENÇÃO:** Interpol, Alt-J, Blur, Tame Impala.



Por: Bruno Coelho

# À descoberta da Covilhã

## Covilhã a duas velocidades

E assim chegamos ao fim de mais um ano académico. Dias de aulas e de apresentações. Noites de estudo e de borgas. Do outono à primavera, tudo culmina nestes últimos dias. As emoções estão mais fervorosas do que nunca. O sentimento geral é de felicidade pelo fim dos estudos, mas também de tristeza porque, para mais de 800 estudantes, todo este mundo está prestes acabar.

Para os restantes estudantes, aqueles que no final do verão estarão de volta, é tempo de regressar às origens para mais um período estival junto dos amigos e da família. O que fica para trás? Uma Covilhã bem mais vazia. Uma Covilhã que tem consigo o estigma de ser muitas vezes apenas uma espécie de depósito sazonal de milhares de alunos que vêm para cá ter aulas, fazer trabalhos e frequências, sair à noite e beber uns canecos com alguma frequência.

Já experimentaram ficar cá um par de dias depois de a maioria dos estudantes ter rumado para casa? Parece uma cidade completamente diferente. Uma cidade como tantas outras deste interior que só não é mais triste e desoladora porque, no fim de contas, é a sede de um concelho com mais de 30 mil habitantes, que possui uma universidade – que também funciona no verão – três escolas secundárias e outras tantas particulares.

Este é um cenário que não ocorre só na Covilhã. Coimbra, Évora, Faro, Vila Real. Todos estes pólos universitários sofrem no verão da mesma maleita. Mas como se trata de uma cidade pela qual criei uma grande afinidade, fico sempre melancólico quando chego cá em contra ciclo com o resto da comunidade académica, e descubro os espaços que em noites de outono ou de primavera estão a abarrotar, e no verão, a aboborar.

Não é que a culpa esteja do lado dos estudantes que voltam a casa à mínima oportunidade. Estão no direito de o fazer. Muitos até têm motivos válidos para tal. É perfeitamente compreensível. O problema está sobretudo na falta de dinamismo cultural e uma aposta concreta no lazer. Tudo coisas que a Covilhã não tem definidas ou define de forma deficiente. Muito bem, agora em junho temos os santos populares; um par de festas nas aldeias à volta como a do Dominguizo. Mas depois entramos literalmente na silly season em que literalmente nada acontece.

Sabes que esta é uma cidade que para quando tens amigos que moram cá desde que nasceram e não vêm a hora de ir de férias para outras paragens minimamente mais animadas. Poderia isto ser atenuado? Sem dúvida alguma. Espetáculos musicais ao ar livre em locais como o Jardim do Lago. Quiçá um festival de verão, como tantos outros que ocorrem noutras zonas bem mais enfadonhas. Eventos que agitariam as águas de uma região que grita por mais ação cultural.

A vontade para mudar este cenário não é muita. Nos últimos anos foram várias as tentativas de melhorar o verão de quem cá fica nos meses tórridos da Covilhã, umas mais bem sucedidas do que outras. Atualmente o cenário é de estagnação e, enquanto assim for, mais e mais estudantes da academia voltam para as suas casas e só regressam novamente em setembro, quando a cidade volta a mudar de velocidade.



Por: Pedro Afflalo

Queres publicitar?  
Este espaço pode ser  
teu



**BOAS FÉRIAS A TODOS**